

## Entrevista

## Ricardo Neves-Neves

Encenador natural de Quarteira traz a Loulé a peça "Menos Emergências"

Ricardo Neves-Neves nasceu em Quarteira, onde viveu até aos 13 anos, idade em que partiu para Lisboa para estudar representação. No próximo dia 5 regressa à "sua terra" para mostrar ao público algarvio o seu trabalho com a peça "Menos Emergências", num regresso desejado e com o qual se sente muito satisfeito.



Foto: Ana Carreira

A Voz de Loulé – Fale-nos um pouco de como iniciou o seu percurso profissional ainda quando se encontrava a viver no Algarve.

Ricardo Neves – Por volta dos 13 anos, quando ainda vivia em Quarteira, de onde sou natural, comecei a ter interesse pela área da representação, mas ainda sem qualquer experiência. Foi aí que comecei a procurar, por exemplo, outro tipo de cinema, mais alternativo. Contudo, o meu primeiro contacto com as artes foi através da música, quando comecei a aprender piano com o meu pai, em casa, e depois numa escola de música em Quarteira. Com 15 anos entrei no grupo de teatro amador de Quarteira e comecei a frequentar workshops que, por vezes, aconteciam em Quarteira, Loulé ou Faro. Foi neste último que fiz um workshop muito importante para o meu percurso profissional com a Rosa Estevão. E foi nessa altura, com o grupo de teatro amador de Quarteira, que me apercebi, junto dos meus colegas, que era isto que queria, pois participei em dois espetáculos como ator e encenei outros dois, quando tinha 19 e 20 anos. Nessa altura já estava no Conservatório, em Lisboa, mas consegui conciliar as duas coisas. Mesmo estando em Lisboa segui sempre ligado ao teatro amador, que, mais tarde, infelizmente, acabou por encerrar a sua atividade. Após terminar a Licenciatura no Conservatório, fiz uma Pós-Graduação na Faculdade de Letras e desde aí tenho desenvolvido o meu trabalho no teatro nas diferentes vertentes de encenação, representação e escrita. Posso dizer que é uma surpresa que o trabalho que temos vindo a desenvolver esteja a retrair resultados tão positivos, especialmente porque estamos a falar de uma área que é cada vez mais precária.

V.L. – E a nível profissional, tem desenvolvido algum projeto no Algarve desde que se mudou para Lisboa?

R.N. – Artisticamente estive muito afastado do Algarve nos últimos anos, em particular porque não foi demonstrado interesse por parte das Câmaras Municipais em adquirir os espetáculos. Mas, curiosamente, a situação alterou-se nos últimos dois anos e tenho conseguido construir uma relação forte com o Cine-Teatro Louletano e com a minha terra. Sinceramente gostava muito de realizar um trabalho mais continuado no Algarve, para além dos dois

espetáculos que apresento por ano, não só pela minha satisfação pessoal, mas também porque sinto que, apesar dos contínuos esforços de várias estruturas culturais e de algumas instituições públicas, continua a haver uma grande carência a nível cultural em todo o Algarve, mas em particular em Quarteira.

V.L. – Considera que ainda não há muita valorização da cultura e da arte no Algarve?

R.N. – Há, sem dúvida, um particular desinteresse pela cultura, pelo menos comparada com outras regiões do país. Mas, no caso de Loulé, eu acho que o Presidente da Câmara Vítor Aletio e a D.ª Dália Paulo estão a fazer um excelente trabalho. No caso de Quarteira, é mais complicado. Mas vou realizar uma campanha, que já foi realizada no ano passado, embora sem o sucesso pretendido, que está relacionada com a existência de um Centro Cultural em Quarteira. Eu não compreendo como é que pode ir a votos uma decisão desta natureza e não ser um dado adquirido que uma cidade como Quarteira, que tem muita gente e ainda abrange mais pessoas durante os meses do verão, tenha a possibilidade de ter um Centro Cultural. É uma pena que assim seja, porque parece-me que a cultura e a arte são uma necessidade clara. Claro que isso acontece porque nós só sentimos falta das coisas quando as conhecemos e a ligação direta à cultura não faz parte do quotidiano das pessoas que vivem em Quarteira, da mesma forma que não fazia parte do meu, daí que senti a necessidade de sair e ir para outros locais procurar workshops e depois sair do Distrito para ter a oportunidade de estudar. Para combater isso, Quarteira podia também procurar uma maior ligação com o Cine-Teatro Louletano.

V.L. – Como surgiu este espetáculo que traz agora a cena no Cine-Teatro Louletano – «Menos Emergências»?

R.N. – Tudo começou em 2012, quando fui convidado para participar no encontro de jovens dramaturgos em Barcelona, de onde saí também uma outra peça minha "Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo". Quem estava a coordenar esse encontro era o dramaturgo britânico Simon Stephens e quando leu o conjunto de três peças curtas, que constituem este espetáculo, achou que eu me iria identificar com o texto, isto porque eu escrevo muito através da utilização musical da palavra e a verdade é que depois de o ler identifiquei-me totalmente. Em 2014 estreamos este espetáculo no Teatro Meridional, com uma ótima recepção da parte do público, e fomos nomeados para "Espetáculo do Ano" desse ano, o que nos levou a querer continuar a apresentar o espetáculo. Por isso, este ano, estivemos no Teatro da Trindade, em Lisboa, e temos agora a oportunidade de levá-lo a Loulé. Prevê-se ainda que este ano e no próximo possamos continuar a apresentar o espetáculo pelo país fora.

V.L. – De que trata esta peça?

R.N. – É difícil falar sobre a temática desta peça porque ela fala do absurdo e é sempre difícil falar do absurdo. Não tem uma linha narrativa contínua, não tem princípio, meio e fim. Porém, no fundo, o que trata são temas muito densos e muito negros, mas que são abordados de uma forma luminosa, divertida, bem-disposta e leve. Pegar em assuntos sérios e pesados e tratá-los com humor é um dos maiores desafios deste espetáculo, porque o humor não tem aqui o objetivo de ridicularizar, mas é a forma como os stores abordam esses assuntos, com um certo divertimento.

V.L. – Este espetáculo é apresentado por si com 10 atores, 13 músicos e 20 cantores mas, em outras adaptações do texto, encontra-se um número inferior de pessoas no palco. Porquê esta escolha?

R.N. – A presença da música é já sugerida no texto de Martin Crimp. Nesta versão, para não apresentarmos o espetáculo com música gravada, decidimos levar a questão um pouco mais longe, tocando e cantando ao vivo. Daqui resultou a criação da orquestra Menos Emergências com 13 músicos e um coro que, na versão de digressão, tem 20 cantores, mas que em Lisboa chegou a ter 70. É um prazer poder trabalhar com artistas de áreas diferentes e com formações que vão desde o lírico ao jazz ao rock.

V.L. – É a primeira peça que traz ao Cine-Teatro Louletano?

R.N. – Não, apresentou no ano passado, no Dia Mundial do Teatro, a peça que escrevi "Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo". Este ano vamos apresentar o "Menos Emergências" e está previsto que, no próximo ano, hajam mais parcerias com o Cine-Teatro Louletano.

V.L. – Como se sente ao trazer à sua terra o seu trabalho e vê-lo a ser recebido pelos seus conterrâneos?

R.N. – É muitíssimo bom! Há muitas pessoas que fazem espetáculos e dizem que o público não é importante, mas a mim o público interessa-me bastante. E apresentar o espetáculo a pessoas que me acompanham desde criança, tanto família como amigos, é muito importante. Às vezes a conversa não chega para explicar o que ando a fazer e já que tenho uma atividade que é pública é sempre bom apresentar os meus projetos a essas pessoas sem que tenham que se deslocar 300 quilómetros para assistirem às minhas peças. Para além disso, é também muito bom saber que estou a contribuir para o enriquecimento cultural do nosso Concelho.

Sofia Coelho

### "Menos Emergências" no Cine-Teatro Louletano



No próximo dia 5 de setembro, pelas 21h30, o encenador Ricardo Neves-Neves, nascido em Quarteira, traz ao Cine-Teatro Louletano, através da sua companhia Teatro do Elétrico, a peça "Menos Emergências", a qual conta no elenco com nomes como Custódia Galego, Filomena Casula, José Leite, entre outros, juntando em cena um total de 10 atores, uma orquestra de 13 músicos e um coro de 20 cantores, num dinâmico diálogo entre estética visual e movimento.

"Menos Emergências" é uma trilogia de peças ou 3 episódios de uma crónica sobre a miséria humana, contada pela voz do que poderá ser uma certa burguesia florida e suburbana europeia. Sobre esta o encenador algarvio Ricardo Neves-Neves, que adaptou o texto do reputado dramaturgo inglês Martin Crimp, refere que "numa altura em que a Europa tem um peso cada vez mais esmagador em Portugal, queremos trazer à cena um texto que espelha a realidade não só de um país específico, mas de um conceito de 'primeiro-mundismo' solitário, fúcido, perigoso e infértil em que toda a Europa se arrisca a cair".